

Diversão & Arte

A ode de Maria Rita ao samba

CANTORA LANÇA DESSE JEITO, NONO ÁLBUM, NO QUAL COMEMORA 20 ANOS DE CARREIRA E CONFIRMA O COMPROMISSO COM O RITMO BRASILEIRO

» NAHIMA MACIEL

Quando Maria Rita assinou contrato com a Som Livre, no início do mês, a ideia era lançar uma série de singles, uma forma de se adaptar aos modos de produção da indústria fonográfica atual. No entanto, a cantora entregou logo um EP com seis faixas. *Desse jeito* saiu assim, de uma vez, e é uma espécie de confirmação do compromisso da cantora com o samba.

Produzido na pós-pandemia, o álbum começou a ser pensado antes do coronavírus frear o mundo e manter bilhões de pessoas isoladas em casa. "O disco surgiu por uma necessidade de, naquele momento, me aproximar mais dos moldes e métodos de trabalho da indústria fonográfica com a questão dos singles, do EP, do audiovisual", conta Maria Rita, em entrevista ao *Correio*. "Era uma vontade grande de ter a liberdade de amanhã ou depois, por exemplo, gravar um single com outro artista e não esperar um disco, porque esse encontro é momentâneo, para ser eternizado, mas não necessariamente para esperar dois anos."

Unidade do conjunto

A cantora e compositora não estava preparada para lançar um disco quando mandou para a gravadora as cópias das canções sem masterização e sem mixagem. Dois dias depois, veio a proposta de produzir logo de cara um disco inteiro, de uma vez. Maria Rita ficou apreensiva porque nunca lançou um disco tão curto mas, ao começar o trabalho em estúdio, se deu conta da unidade do conjunto. "Achei isso curioso. Vi que, embora não tenha planejado um EP, mais uma vez tinha feito uma fotografia da minha vida de forma absolutamente inconsciente no sentido de ordem, da história a ser contada num disco. As músicas são verdadeiras, mas que tinha uma história com princípio meio e fim que fui perceber depois", conta.

Desse jeito celebra 20 anos de carreira da cantora com alguns convidados que são, também, amigos próximos. Parceria com Magnu Sousá e Maurílio Oliveira, *Por vezes*

contou com participação de Thiaguinho. Na letra, a cantora evoca um corpo intocado e uma força vital que ela também encontra no candomblé. "É uma letra que veio de sopetão, mostrei para o Magnu e ele escreveu a melodia. E Thiaguinho é um amigo muito querido, uma pessoa muito importante, presente no meu dia a dia", conta. O candomblé e os santos também aparecem na faixa título, *Desse jeito*, em versos como "Quem cuspiu a cangibrina do santo / Veste branco em dia de Oxalá / Tem a ginga do andar do malandro / Não é qualquer um que vibra na força de Ogum".

Em *Correria*, Maria Rita traz uma crítica social na qual surgem o racismo e o lugar do samba na sociedade brasileira. "É uma crítica a essa sociedade racista, que assinou a alforria que o patrão teve que dar", lamenta.

Parceiros próximos

Teresa Cristina é a convidada de *Canção da erê* dela, música que surgiu de modo inusitado. Maria Rita acordou um dia com a letra na cabeça e estranhou. "Eu não sou uma compositora que acorda de manhã e senta para compor, para fazer esse exercício que os compositores fazem, fundamentalmente sou uma intérprete, cantora, empresária e mãe. Para esse rolê de compositor, conto com meus parceiros mais próximos. Dito isso, essa melodia, ou parte dela, eu abri o olho e essa música estava tocando na minha cabeça", diz. Depois de mandar um áudio para o Pretinho da Serrinha e Fred Camacho para se assegurar de que não estava com a melodia de outra pessoa na cabeça, a cantora convidou os dois compositores para fazerem a letra. O convite para Teresa Cristina gravar *Canção da erê* dela foi quase natural. "Teresa e eu, a gente já vem de muitos encontros, desfiles da Portela, amigos em comum, troca de mensagens, muita comunhão de ideias e pensamento de valores. Ela é da religião e eu queria uma mulher que fosse cantar comigo porque a erê é uma menina. Teresa traz todo o entendimento. E é uma mulher preta, do samba, que respeito, admiro e pela qual tenho um carinho enorme."

Duas perguntas para Maria Rita

Desse jeito é seu nono álbum e vem depois de Amor e música. O que representa, depois de uma pandemia e de um caos?

O formato que estava sendo vendida minha carreira era esse (do disco pronto) e isso estava me sufocando porque só tenho 45 anos e 20 de carreira. Estava me sentindo ficando para trás, com muita coisa ainda para oferecer. E aí veio a pandemia, que para mim virou mais uma questão de sobrevivência do que 'vou pensar meu futuro, projetar'. Não, eu só precisava sobreviver naquele momento. A reabertura possibilitou reabracar isso aí e reafirmar para o mundo inteiro meu compromisso, acolhimento e aconchego no samba.

Algumas faixas são uma celebração da ligação entre o samba e a religião. Por que isso é importante em um momento em que o candomblé está sendo oficialmente demonizado pela presidência da república?

Isso é apavorante, mortal, um perigo, um risco de vida que as pessoas correm. Somos um país cego, em negação com sua história, em negação com seu passado, seja o passado de torturador, seja de quem escravizava um povo, e fingimos que não existe. Isso gera esse tipo de situação de falta de entendimento e conhecimento formal do que aconteceu. Não consigo entender como uma religião que celebra a união, a comunhão com natureza, os mais velhos e mais novos, ser demonizada, uma religião que sequer tem o entendimento do ruim do mal, das trevas. É pequeno. Nunca li a Bíblia, não fui criada no cristianismo, fui encontrar minha fé agora, com 40 anos de idade, mas o fato de não ter lido a Bíblia não me dá o direito de sair criticando quem acredita naquilo. Nossa religião é uma religião horizontal, onde os orixás têm as qualidades e as não qualidades de seres humanos.

“Não consigo entender como uma religião que celebra a união, a comunhão com natureza, os mais velhos e mais novos, ser demonizada, uma religião que sequer tem o entendimento do ruim do mal, das trevas. É pequeno.”

Maria Rita, cantora

Maria Rita lança *Desse jeito*, seu nono álbum



GURULINO

Humor contemplativo & espirituoso
por Pedro Sangeon

